

O DESPERTAR DE UM SONHADOR OU CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA DE VICTOR HUGO GUIMARÃES RODRIGUES “ORAÇÃO AO DEUS DOS SONHADORES”

HUMBERTO CALLONI^{*}
VICTOR HUGO GUIMARÃES RODRIGUES^{**}

RESUMO

O presente texto não nasceu com o propósito de ser publicado. Esta providência foi pensada somente mais tarde e com o consentimento do poeta, ainda que soubéssemos que não se trata de um Artigo comedido, alinhado com o critério de limites de páginas das revistas acadêmicas. É que a “análise” que decidi realizar acerca da poesia “Oração ao Deus dos Sonhadores”, mais do que uma ousadia, quis ser uma homenagem singela ao amigo Professor Victor Hugo Guimarães Rodrigues. Já na primeira leitura da poesia, senti-me desafiado a interpretar – com todo o risco que este procedimento comporta quando se interpreta um texto literário – o anúncio, a mensagem, os sentidos subsumidos das metáforas e ambivalências, que tornam o texto poético do Victor Hugo a um tempo rico e desafiador à exegese.

Com a permissão do poeta, decidi tornar viável a publicação deste trabalho realizado ao longo de alguns meses. A idéia de publicar o texto teve duas motivações fundamentais: facilitar o acesso da poesia do autor e tornar viável o diálogo com o seu provável leitor, a fim de que outros olhares acerca da poesia possam estimular o seu melhor entendimento, o aprimoramento/ampliação da minha leitura.

Resolvi manter a Apresentação, que segue abaixo, embora, inicialmente, esta teria sido dirigida somente ao poeta. Entrementes, por a mesma conter informações adicionais a este Resumo e melhor explicitar do que se trata, enfim, as Considerações, julguei oportuna a sua manutenção para este Artigo.

Palavras-chave: Interpretação. Poesia Onírica. Deus dos Sonhadores.

^{*} Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – UFRGS.
hcalloni@mikrus.com.br

^{**} Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP.
filosofoonirico@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Meu caro amigo e colega Victor Hugo

Ao ler a sua poesia “Oração ao Deus dos sonhadores”, não pude evitar uma das minhas manias incuriais, que desperta sempre que eu leio poesias que julgo serem de grande valor e estilo: tentar interpretar o que o poeta canta em seus versos. Naturalmente, não faço justiça aos incontáveis poetas do nosso município do Rio Grande, posto que os leio sempre no Jornal Agora, onde descubro poemas que fazem perceber e pensar, com muita acuidade, os seus mais secretos arranjos tecidos pela experiência de suas vivências subjetivas, e onde eu sou levado a encontrar-me, com as suas subjetividades peculiares, numa espécie de cumplicidade ecumênica, porque, em suas multiplicidades de afetos, dizem-me, ao mesmo tempo, da unidade e da diversidade da condição humana.

Por outro lado, temo que minha ousadia, ao tentar interpretar a sua comovente poesia, possa sugerir algum elemento pernóstico da minha aposta, pois parece ser sabido por todos que a poesia não se presta a interpretações, mas antes ao puro deleite do sentir do seu leitor ou de quem, atentamente, ouve a leitura do poeta. Daí a minha incúria. A minha ousadia. A minha imodéstia. Eis que a minha mania tem o preço da incerteza, da impossibilidade da derradeira leitura, que só ao poeta cabe, enfim, avaliar, dado que a verve do espírito que produz a poesia tem o seu encontro marcado consigo mesmo, embora o seu propósito seja, paradoxalmente, o de promulgar, a todos quantos, a universalidade do seu achado, do seu sentimento, da sua alma sonhadora. E talvez seja sob esta égide que intento realizar, não exatamente uma hermenêutica *à la* Gadamer, mas, modestamente, uma interpretação no exato limite das minhas inquietações provisórias, suscitadas pelo conteúdo inestimável de seu território onírico.

Acrescento que não foi nada fácil, para o meu propósito, manter o tônus interpretativo ao longo do texto poético e acredito que a minha análise pode conter lacunas, pontos cegos não explicitados, não evidenciados ou, ao contrário, exagero exegético, que o bom senso poderia evitar. Este menoscabo, porém, se efetivamente constatado, não pode servir-me de arrefecimento e por ele peço a devida “licença poética” pela sua manutenção.

Finalizo esta breve apresentação, sinalizando, ou melhor, organizando em subitens o conjunto de sua poesia datada do ano de 2007 e acrescida de sua foto (quando você era um menino de

seis anos de idade), a qual chamou a minha atenção pela expressão de encantamento do seu rosto do menino de então, que não deve ser diferente - está dado - do encantamento que se traduz em sua poesia abaixo transcrita, malgrado o temível tempo de *Cronos* investir contra tudo e contra todos quantos – aquele que tudo degrada e tudo *nadifica* - e mesmo ao benfazejo tempo *kairós* - que é o tempo presente - o tempo do acontecimento da criação da sua bela poesia, soprada pelo menino que foi preservado ao longo do vetusto tempo, como se fosse um auspício da divindade, do Deus dos Sonhadores.

O meu arrazoado está organizado na seguinte ordem:

Apresentação da poesia; 1.Súplica do Acordar; 2. Súplica do Transformar; 3. Súplica do Despertar I; 4. Súplica do Despertar II; 5. Súplica do Despertar III.

Victor Hugo, amigo, gostaria de deixar aqui um duplo agradecimento: O meu primeiro agradecimento é pela sua anuência para a realização deste meu ousado intento de adentrar em seu imo poético-filosófico, ainda que com brechas e incompletudes que um verdadeiro hermeneuta poderia evitar. Mas o risco é calculado. É que concedi à minha subjetividade o aval do deleite estético de uma insólita aventura de planar num reino onírico, em que somente aos poetas é dado o privilégio para adentrar, ou seja, no interregno entre a realidade da vida e a imortalidade, exatamente lá onde o próprio tempo *Cronos - o nadificador* - não tem direito de cidadania e que faz o menino viver em seu puro sentir. O meu segundo agradecimento é pela sua permissão em publicarmos este meu arrazoado, tendo você como coautor, pois é da sua autoria poética que surge a matéria com a qual me ocuparei a seguir.

Que a sua Oração possa ser o anúncio do “despertar” de todos aqueles que presumem o gérmen divino, no insondável e misterioso acontecimento da vida e da existência humana, com o seu colorário da barbárie, degeneração e morte; mas, também, da regeneração, do amor, da alegria, da estética do belo, da tolerância, da compreensão e da clarividência da consciência cósmica e fraterna a todos os seres vivos, mesmo que esta consciência possa surpreender, eventualmente, um Deus que se interpõe como obstáculo à gnose, ao conhecimento derradeiro de sua natureza, a fim de evitar que a nossa soberba não se confunda com o incomensurável e ainda desconhecido universo: um Deus, porém e, além disso, que também se mostra surdo à maneira de Lautréamont,

mas que é, ao mesmo tempo, o Deus ao qual você homenageia e suplica como o criador do universo, na esperança de que Ele ouça o seu clamor, a sua Oração e para que se realize o seu desiderato como o Deus dos Sonhadores.

Com apreço,

Humberto Calloni.

APRESENTAÇÃO DA POESIA “ORAÇÃO AO DEUS DOS SONHADORES”

Acordai!!! Oh Deus dos Sonhadores!!!
É novo dia. É novo tempo. É nova era.
Despertai minh'alma onírica.
Colocai de pé meu corpo devaneante
Deitado eternamente em seu leito.
Acordai meus sonhos que adormeceram
Antes do meu nascimento.

II

Transformai, oh Deus!!!
Meus maiores pesadelos
Em sonhos leves, levianos.
Fazei com que eles se dissipem...
De minha mente e de meu coração
Como a bruma de primavera
Ao nascer do sol.

III

Despertai!!! Oh Deus!!!
Outros como eu...
Que adormecem eternamente no inferno
Que acordam todo o dia para morrer
Que tem medo de despertar
E descobrir outros tempos de mundos infernais.

IV

Despertai!!! Oh Deus!!!
Meus irmãos da Terra...
Que ainda não sabem
Que a vida pode ser maravilhosa
Surpreendentemente encantadora.
Que já esqueceram o sentido de um sorriso,
De um abraço, de um toque, de um carinho amigo.

V

Despertai!!! Oh Deus!!! Despertai!!!
Acordai e ajudai-me
A aprender a ver o mar, o céu e as estrelas.
Educai-me a sentir o calor do sol, da lua...
Das montanhas, das cavernas e dos Oceanos.
Ensinai-me a escutar o som do vento, dos pássaros...
Das águas, da chuva que me purifica inteiro
Como a chama que arde no meu interior
A espera do vosso sopro.

1. Súplica do acordar

A primeira estrofe da poesia tem por mensagem a invocação ao Deus dos Sonhadores para “o despertar da alma onírica” do poeta. Há uma lamentação interminável, até mesmo estonteante, para que o despertar possa ocorrer. Difícil, desde já, decidirmos se o “despertar” guarda em si uma alusão para a vigília ou para as potências latentes íncitas ao universo mesmo da verve do poeta, enquanto sonhador. Está posta a primeira armadilha hermenêutica que o autor nos reserva, como que adivinhando o incauto que se atreve a uma incursão em seu dobradiço labirinto simbólico, provavelmente já esboçando um sorriso enternecido à nossa ousadia, ao nosso atrevimento em percorrermos o traçado de seu universo interior sem o viático de um metafórico fio de Ariadne.

Entretantes, o preço da nossa ousadia em perscrutar o poeta só pode ser pago com a modesta moeda do nosso reconhecimento de que se trata de uma bela poesia e, na medida exata do nosso atrevimento, com qualquer barganha a respeito, sairíamos perdendo.

Continuemos, pois:

Não se sabe ao certo se, na primeira estrofe, o poeta lança seu apelo a si mesmo ou ao seu Deus. Os exagerados pontos de exclamações talvez tenham um significado peculiar, na medida em que têm por objetivo enfatizar uma espécie de “um bater insistente” à metafórica porta da divindade, numa espécie de desespero estremecido.

Então, talvez, seja isto mesmo - o estremecimento - a marca derradeira da primeira estrofe do poema. Leiamos novamente a estrofe I:

“Acordai!!! Oh Deus dos Sonhadores!!!
É novo dia. É novo tempo. É nova era.
Despertai minh'alma onírica.
Colocai de pé meu corpo devaneante
Deitado eternamente em seu leito.
Acordai meus sonhos que adormeceram
Antes do meu nascimento”

Não há dúvida, porém, de que o poeta é deliberadamente ambíguo nessa primeira estrofe, dado que o vocativo “Acordai!!!” pode se referir tanto ao Deus dos Sonhadores quanto ao próprio poeta, que suplica pelo despertar de sua alma sonhadora, cujos sonhos antecedem ao seu – *lui même* – próprio nascimento.

Ora, o estremecimento é uma propriedade física, corpórea. É um abalo ou uma perturbação do corpo, quando este se encontra em relativa parcimônia em relação à alma ou psique. Temos que, de imediato, tudo inicia pelo corpo do poeta, pois o corpo é a forma, o visível, o palpável, o tocável, o audível e o falante. No limite, o corpo é o indivíduo, ou melhor, a individualidade derradeira e irreduzível do poeta. Em outras palavras, o corpo é a imediata individualidade à ordem do desejo ou, se quisermos, do interesse do desejo, ainda que o corpo (do poeta) não seja somente a forma final, mas também a postulação da incidência do tempo e do espaço, queremos dizer: do contexto no qual e do qual emana a sua verve sonhadora, o tempo que os antigos gregos denominavam *kairós*. Por outro lado, é de todo irracional pensarmos o corpo do poeta sem o concurso da alma que o concebe, que o faz “bater” à porta divina para o despertar, o “acordar”. Além disso, é necessário considerar que a passagem “Antes do meu nascimento” não se refere ao nascimento objetivo, físico, do poeta, mas do seu “nascimento” espiritual, queremos dizer, da realidade ainda encoberta pelo seu “duplo”, isto

é, a pela “sombra”, que é, de fato, a consciência primeira e a fonte de onde advém a súplica pelo despertar da sua alma sonhadora, cujos sonhos ainda adormecem. O outro de si ou o seu “duplo”, que é a sua sombra, ou mesmo o seu *alter ego*, é, pois, a fonte da sua (do poeta) existência real (consciente), pelo qual passa a descobrir também a sua existência individual, física/corporal, o seu *ego alter*, cujos contornos o poeta ainda não consegue distinguir da sua alma onírica (“corpo devaneante”) e se desassossega. É o duplo, enfim, *que vela e atua enquanto o vivo dorme e sonha* (Morin, 1970:126).

Ora, dirá Edgar Morin: “Esse duplo não é uma cópia conforme, é um ser real que se dissocia do homem que dorme, que continua desperto e a agir nos sonhos. A sua existência é verdadeiramente objetiva. Mas é preciso não esquecer que essa existência objetiva é igualmente subjetiva, ou melhor, transubjetiva” (Morin, 1970:95).

Sejamos, pois, cautelosos...

Na passagem “Colocai de pé meu corpo devaneante//Deitado eternamente em “seu leito”, a ambiguidade torna-se ainda maior. É que não é possível perceber-se ao certo se o “seu leito” refere-se ou diz respeito ao poeta em “sua” corporeidade “devaneante”, ou ao Deus, objeto de uma metáfora de amparo divino! Seria o caso de uma mera ambivalência pronominal ou um proposital jogo de palavras? Não sabemos, ainda, ao certo.

Por outro lado, é significativa a passagem, ainda no verso I, que canta: “É novo dia. É novo tempo. É nova era.”, pois, mais uma vez, o poeta deixa incógnita a temporalidade fenomênica desse *pathos*, do espanto que o permeia, e aposta no bom senso de seu provável intérprete/leitor. Ora, tanto “dia”, quanto “tempo” e “era” são noções coadjuvantes, assim me parece, da noção do Inédito nietzscheano (recorremos a Nietzsche para nos lembrarmos o fato de que um efeito linguístico pode registrar, simultaneamente, tanto a idéia de tempo em movimento (*cronos*) quanto a noção de uma apoditicidade alçada ao presente imediato (*kairós*)).

Em qual tempo instauraríamos o sentido exato do poema, não o sabemos. De qualquer maneira, o apelo do poeta ao Deus dos Sonhadores é, a um mesmo *tempo*, inelutável e desesperador. Senão vejamos: “Despertai minh’alma onírica” é, na verdade, mais do que uma súplica ao Deus dos Sonhadores: É uma exigência com sabor de urgência, dada a incidência do tempo que passa e que tudo transforma (*cronos*) com o tempo presente, imediato, que faz aflorar a sua verve poética (*kairós*). É uma urgência sem concessões.

Mas por que o poeta clama, desesperadamente, pelo despertar de seus sonhos? E por que o poeta não nos autoriza a conhecer o conteúdo latente de seus sonhos? Por que não se deixa revelar/desvelar em seus sonhos adormecidos? O que há de constrangedor em seu ser, que não se deixa, enfim, “psicanalisar”?

De fato, o poeta não nos autoriza a conhecer o conteúdo latente de seus sonhos. E aqui deve haver alguma senha criptografada, um acesso restrito, que devemos descobrir, tal o enigma da Esfinge proposto ao pobre Édipo, a fim de continuarmos em seu labirinto de devaneios.

Pensemos:

O fato de o poeta insistir ao Deus, a fim de que Este o acorde de seus sonhos adormecidos, poderia supor, da maneira como eu o leio, que se trata de uma estratégia poética, a fim de tornar viáveis/atualizadas as potências oníricas do poeta, no que se refere às concretudes de realizações fáticas no mundo da vida, a partir mesmo de emergências imanentes, malgrado ainda não consubstanciadas pela experiência da vida em seu estado de vigília.

Ora, essa possibilidade parece ser, à primeira vista, assaz sintomática, dado que a passagem “Acordai meus sonhos que adormeceram//Antes do meu nascimento” produz um efeito sinalizador do anelo do poeta a um portal metafísico de caráter, quiçá, pitagórico. Quero dizer que o poeta, ao sublinhar que os seus sonhos “adormeceram”, é possível – ainda que temerário, sob o ponto de vista de uma analítica existencial - que o poeta Victor Hugo deseja reabilitar o ideário da metempsicose da alma, tal como prescreveria o arguto Pitágoras, ou seja, da evocação dos saberes e da inteligência antes mesmo do nascimento do “corpo devaneante”, ainda que esse “corpo”, poderíamos insistir, seja a sua “sombra”, o seu “duplo” como percepção imediata e anterior do *si* mesmo do poeta em seu estado telúrico. E se isso for verdadeiro, se de fato o poeta transgride o tempo e o espaço cronológicos tal como silencia a respeito de sua ontogênese, então, quem sabe, também seja possível entendermos como verdadeiro que a metempsicose tem um encontro marcado com os fenômenos físicos da natureza, de onde emergem ou de onde provêm os efeitos de transformação de que trata a segunda estrofe abaixo, cujo cantar o poeta enaltece, com maior acuidade, a divindade, enquanto Deus. De qualquer maneira, a metempsicose, neste caso específico, tem o anelo de uma consciência arcaica em que a passagem “Antes do meu nascimento”

nos remete a um estremecimento físico de morte-renascimento que amalgama tanto um universal da consciência onírica, quanto um universal de uma consciência poética e mesmo filosófica.

Senão vejamos:

2. Súplica do transformar

“Transformai, oh Deus!!!
Meus maiores pesadelos
Em sonhos leves, levianos.
Fazei com que eles se dissipem...
De minha mente e de meu coração
Como a bruma de primavera
Ao nascer do sol.”

Com efeito, a segunda estrofe da poesia mantém o seu anelo à divindade como substância nuclear para o deferimento de seus (do poeta) apelos. Contudo, nota-se a expressiva mudança de ênfase do poeta no que se refere à solicitação ao Deus.

Se na primeira estrofe do poema (parte I), é possível percebermos certa urgência indicativa ao “despertar” da alma grávida de sonhos do sonhador Victor Hugo, na segunda estrofe há, sem *sombra* de dúvida, uma nítida mudança de registro dos seus apelos ao Deus (presume-se que seja ao mesmo Deus dos Sonhadores). Há que se fazer um esforço interpretativo, contudo, dado que também aqui se observa a mesma ambiguidade de sentidos acima sugerida, na medida em que o poeta pede ao Deus, em um primeiro momento, que transforme os pesadelos do poeta em sonhos leves.

Ou levianos?

Mas é a própria razão do poeta que apela ao Deus, portanto, uma razão despertada, ao que parece, que, no entanto, dorme... Ou seja: *que vela e atua enquanto o vivo dorme e sonha* (Morin (1970). No limite, parece-me oportuna a lembrança de Francisco Goya que, por volta de 1797, talvez ao criticar o Iluminismo, isto é, o predomínio da Razão, grafitou o quadro *O sono da Razão Gera Monstros*, um título da série “Caprichos”. Uma interpretação simbólica do quadro do genial Goya é de que a própria razão, não podendo estar sempre desperta, em sonho faz nascer monstros que ela mesma produz. Com esse quadro, Goya quis colocar em dúvida o próprio Iluminismo. Reflito, ainda que em uma analogia assaz patética, se o enigma do quadro do pintor não estaria, de alguma maneira, transfigurado na angústia do despertar do poeta Victor

Hugo, quero dizer: se ao pedir ao Deus que transforme os seus maiores pesadelos ao nascer do sol (da razão?) em sonos leves, levianos, não estaria, de alguma maneira, procurando banir do seu ser o elemento mesmo da sua criação poética, isto é, o irracional, os *monstros*, aquele elemento *demens* – a um tempo irracional e criativo no conceito de Edgar Morin – que tanto pode gerar o desespero e a loucura quanto à criação artística, à mística, ao dado *poiético* – criativo e recriativo da existência?

É possível que o poeta intentou minimizar ao máximo os seus pesadelos, impondo ao Deus uma ordem no sentido de tornar os seus sonos leves e, *a fortiori*, levianos, como já me referi acima. Mas o que o poeta quis dizer, então, com esta tentativa de minimizar a procela de seu interior ardente? Mais uma vez, o poeta não nos dá pistas, e deixa indecifrável o seu sentido último quanto à passagem de sua segunda estrofe (parte II), que canta: “Em sonhos leves, levianos”. Talvez seja possível compreendermos que, por “sonhos leves”, o poeta deseja, simplesmente, expressar a noção de “leveza”, tal como nos sugerem os flocos de algodão levados pela aragem, ou mesmo sonhos inócuos, imaculados, ingênuos, vá lá! Difícil decidir...

Porém, além disso, é possível que, por “levianos”, o poeta queira nos transmitir que não podemos/devemos exigir de nossos devaneios oníricos qualquer tentativa de racionalidade arregimentadora das nossas vidas e, mesmo dos princípios de liberdade pela qual supostamente acreditamos orientar nossos valores, ainda mais quando estes estiverem ameaçados de uma sub-reptícia inculcação sócio-cultural domesticadora dos nossos corpos, bem ao gosto de Foucault. Levianos, então e, neste sentido, poderia significar, quem sabe, a irreverência necessária ao princípio de uma ordem racional cujos valores associados se revelem duvidosos quanto ao Inaudito, queremos dizer, à revelação do Ser, à *poiética*, ao inesperado, ao delírio proporcionado pela leveza suprema do descansar/adormecer da Razão a que Goya aludia em seu quadro acima mencionado que, em última análise, é, a um tempo, leve (leviano) e denso (profundo, incomensurável, inescrutável como a morte!).

A *transformação* dos pesadelos do poeta deve resultar, ao fim e ao cabo, se o Deus o atender em sua suplica, em um possível e belo porvir; num paraíso terrestre isento de dor e sofrimento, cuja metáfora expressa exatamente o deslindar da opacidade do real, fendendo/rompendo o anuviado da resistência do real e no aguardado encantamento do viver como fruição leviana sem mais, tal como nos

lembraria, neste instante, a alegoria da pomba de Kant, que diz, numa livre interpretação, que *a leve pomba que em seu livre vôo corta o ar cuja resistência sente, acredita que teria maior liberdade no vácuo*. Contudo, não sabemos ao certo, pois foi posta em dúvida a sentença hegeliana de que *o real é o racional...* e o poeta vale-se, em sua súplica, de forma ambivalente entre as duas realidades, ou seja, da razão e da *desrazão*.

Mas quais seriam os seus maiores pesadelos a ponto de implorar ao Deus uma espécie de clemência (súplica) para tornar os seus pesadelos em sonhos leves, levianos? Sobre isso, novamente, o poeta não nos dá qualquer pista e, em seu labirinto simbólico, continuaremos a ousar surpreendê-lo e por ele sermos surpreendidos, ainda que sem a certeza prévia de qualquer êxito. E por que o poeta não nos adianta uma pista qualquer? Possivelmente, porque não é da índole poética o recurso ao particular, embora saibamos que, por fim, é ao particular que se dirige sua verve de caráter universal, num “estranho” paradoxo.

Sabemos, contudo, que é ao seu Deus em particular que o poeta destina a aflição de seus pesadelos, cujo conteúdo latente, insisto, não cabe ao leitor desbravar. Não, pelo menos, nesse segundo canto.

Que assim seja:

Poderá haver um momento de fraqueza do poeta, uma pequena fresta que terá esquecido de ocultar? E, se assim for, somente então poderemos ver satisfeita a sua ânsia pelo manifesto brilho enviado pelo sol da primavera e confessar que seus sonhos tornaram-se leves, levianos, tal como nos lembra um terceto do soneto “Enojo”, de Fagundes Varela: “E pouco a pouco se esvaece a bruma/tudo se alegria à luz do céu risonho/e ao flóreo bafo que o sertão perfuma”.

Mas o poeta Victor Hugo pede que o Deus transforme o seu pesadelo, seu pesado fardo de dor, que sente em sua mente e em seu coração, num diáfano sentimento, sem peso e sem sofrimento. Mas, que digo?! No labiríntico coração do poeta não há lugar para a dor e para o sofrimento. A dor e o sofrimento não é o seu cantar! Mas, então, como realmente surpreendê-lo, se de fato não é de dor e de sofrimento de que fala o seu coração? É que o poeta nos induz a um estremecimento por nossa conta e risco. Victor Hugo não é o poeta da dor e do sofrimento humanos. Ao contrário - e faz pensar - é o poeta do encantamento, do gosto pela vida, do prazer que há nos sentidos corpóreos, físicos, biológicos. Na exaltação do corpo elicia o conhecimento, o saber, a graça e a ternura; a beleza, a estética e a correspondente ética da irmandade solidária. É o poeta

do sonho, do onírico, do deleite gratuito do viver; do desfrutar da natureza em toda a sua disponibilidade estética, quero dizer, sensível, tornada acontecimento irretocável pela evocação do Deus sonhador. Mas essa aparente dualidade entre o encantamento da vida e o sofrimento é passível de ser entendida pelo seu leitor na medida em que compreendermos que o poeta sintetiza, em sua súplica ao Deus, tanto a sua vida prosaica (prosa) quanto a sua vida poética. A vida prosaica é tudo o que compete ao poeta quanto ao elemento físico, ou melhor, tudo aquilo que diz respeito ao seu compromisso enquanto sujeito e indivíduo de uma sociedade que, para sobreviver, necessita de ordem, determinação, organização, disciplina e método. A vida poética diz respeito ao seu universo onírico complementar, como o prazer de viajar, fantasiar, degustar os prazeres da mesa, de dançar, rir, festejar e assim por diante...

Já dissemos que o poeta tem presente a unidade entre o corpo e o espírito, embora sopesse para si que o seu entendimento entre esses dois fenômenos sejam separados e não simplesmente distintos entre si. Tanto o despertar de sua alma onírica (I) como sua mente e seu coração (II) parecem apostar em uma ontologia própria a cada instância fenomênica (alma, coração *versus* corpo, mente). Ora, não era exatamente este debate secular que eu gostaria de estabelecer com o poeta (ao qual antecipo minhas escusas por esta “licença poética” neste particular) que, de resto, não tem nenhum interesse epistêmico maior para o objetivo deste meu arrazoado. E para que eu não incorra em devaneios vicinais, passo a seguir a considerar a sua terceira estrofe (III), que diz:

3. Súplica do despertar I

“Despertai!!! Oh Deus!!!
Outros como eu...
Que adormecem eternamente no inferno
Que acordam todo o dia para morrer
Que tem medo de despertar
E descobrir outros tempos de mundos infernais.”

Nesta terceira estrofe, o poeta nos revela os subterrâneos de seus temores com maior precisão, embora o *enigma* da sua súplica permaneça... De toda sorte, é provável que os pesadelos do poeta se nos afigurem na ordem direta com o mundo mundano, das vicissitudes da vida (existência), do mundo consciente, portanto, da razão desperta e ao arrepio do universo de Goya acima mencionado.

Do mundo infernal?

A solidariedade, irmã gêmea do amor, faz com que o poeta interceda junto ao Deus dos Sonhadores pela bem-aventurança de seus irmãos humanos. E isto é belo, é estético, é ético, é amoroso. É a nossa aposta da exegese da estrofe terceira.

Entretences, nesta estrofe (III), o recurso à provável noção de consciência/liberdade/plenitude de ser parece estar condenada, tal como o mítico deus grego Sísifo, que Ésquilo, como sabemos, interpretou. O desesperador apelo ao Deus para que “outros” (o poeta só utilizará o termo “irmãos” na próxima estrofe), idênticos a ele (ao poeta), parece sugerir um recurso do Victor Hugo filósofo à metafórica Caverna platônica com o fim de anunciar a sua *angústia*, ao presumir o temor de que “outros” teriam, tal como o poeta, em despertar para o *real* iridescente do *mundo ideal* (e aqui podemos intuir uma corajosa investida do poeta contra o “duplo”, a *sombra*, que é imortal e preside o ideal pitagórico da metempsicose em relação à turbulência do corpo telúrico, o estremecimento causado pela *physis*, e o despertar de sua individualidade inelutável, dado ao seu enraizamento ao reino da natureza animal).

Fica extremamente difícil, agora, compreender o ciclo infernal do poeta. Senão vejamos, ou melhor, releiamos, com a devida paciência, a terceira estrofe: “Despertai!!! Oh Deus!!!!/Outros como eu...//Que adormecem eternamente no inferno//Que acordam todo o dia para morrer//Que tem medo de despertar//E descobrir outros tempos de mundos infernais”. Ora, essa diagramação onírica da vida (posto que o acordar só pode ser referido à vida, à vigília, à razão), agora parece ser entendida (a vida, a vigília) como sendo o teatro mesmo do inferno, quero dizer, como se o paralisante temor do despertar do poeta não providenciasse outra via senão o próprio desespero onírico do infernal *mundo da razão pura* (faço esta alusão à razão por minha conta e risco!), exatamente, agora, na contramão do quadro de Goya, que diz que “onde não reina a razão surgem e mandam os monstros”. Mas o que é esse inferno vivido/sonhado pelo poeta, enfim? Para tentar responder, quem sabe, a uma quilométrica desvantagem do sentido com que o Victor Hugo quis nos brindar com o seu sentido mesmo, faço uso de um novo viático para, mais uma vez, procurar sobreviver, hermeneuticamente, em seu inescrutável labirinto poético, recorrendo, destarte e novamente, ao consagrado poeta do “Mal do Século”, Fagundes Varela, em seu último terceto do soneto “Enojo”:

“Porém, minh’alma triste e sem um sonho

murmura olhando o prado, o rio, a espuma:
como isto é pobre, insípido, enfadonho!”

Que o poeta Victor Hugo não tome de empréstimo qualquer aleivosia imaginária de minha parte ao recurso que presto em homenagem ao poeta Fagundes Varela. É que o fato de lembrar o poeta do pessimismo exacerbado ajuda-me, como disse acima, a prosseguir no labirinto inescrutável do “poeta dos sonhos”, do “poeta onírico” ou, se quisermos, do “poeta da vida onírica”, Victor Hugo.

Vamos adiante:

Será que o poeta Victor Hugo não quis nos sensibilizar, em sua terceira estrofe (III) do seu anelo filosófico em relação à metafísica, tal como ela pode ser percebida no Mito ou Alegoria da Caverna, de Platão, tal como sugeri anteriormente? Reprisemos, pois. Contudo, é possível, ainda que não provável! E, se isso for verdade, de que maneira esta inferência que faço abreviaria a nossa incursão em seu labiríntico pensar no “mundo platônico”?! Mas eis uma nova decepção, que se assoma ao meu intento, agora creditada a Will Durand - o filósofo da leveza erudita, da profundidade e da simplicidade - quando sentencia que “*o mundo que Platão descreve é meramente um mundo construído por Platão e retrata Platão, não o mundo*” (Durand, 2000:139). E agora?! Como confiarmos, sem mais, no realismo platônico, aparentemente presente no poema de Victor Hugo, e que acima tentamos conciliar de maneira bipolar?

Mas, mais uma vez, não posso, ou melhor, não podemos nos precipitar. Tanto a brevidade quanto a ânsia de surpreender o poeta em sua essência são-nos traidoras. O poeta é, definitivamente, caudatário da ambiguidade, da aposta estratégica de uma interpretação em que vale a pena apostar para sobrevivermos ao seu recurso edipiano, quero dizer, da decifração de um enigma para, enfim, merecermos a nossa passagem rumo ao seu universo onírico.

Por outro lado, se de fato o poeta se vale da Alegoria, da ilusão do *real*, para surpreender o inferno que presume e que sabe que outros também possam presumi-lo; se o poeta reclama o despertar (para a vida, para a realidade, para o bem, para a verdade) é porque, certamente, ele, nessa terceira estrofe, revela-se o filósofo em sua plenitude, pois vive o trágico da própria condição humana, na medida em que, *mutatis mutandis*, “*Tudo aquilo que poderia ser fonte de participação e prazer, de harmonia sensorial, tornou-se fonte de sofrimento e de infelicidade*” (Houellebecq, 2004:142), ou seja, o poeta-filósofo sente profundamente a derradeira intuição que existe no ser filósofo-poeta com os mundos

infernais. Mas o seu cantar dirige-se à vida, à plenitude do ser, à beleza que há no existir pura e simplesmente no amor, na solidariedade, na religação do todo às partes fragmentadas das nossas existências, sejam estas humanas e não humanas, quero dizer, à natureza como um todo.

Contudo, considero a terceira estrofe a mais desanimadora de todas as que perfazem o seu delicado poema. Embora brilhante sob o ponto de vista da sua construção acabada, autônoma frente às demais, ela incorre numa (nova) ambiguidade subliminar de duvidosa solução. Afinal, como argumentar ao Deus que *desperte* “Outros como eu...” se, ao despertar divino, descobrirão “outros tempos de mundos infernais”? É certo que a ambiguidade é um dos predicados valiosos das metáforas, além, é claro, das descobertas científicas e da reflexão filosófica. De resto, podemos apostar que, no limite, as palavras, são “todas elas”, metafóricas, ainda que sejam os poetas os que melhor sabem traduzi-las para *melhor* interceder, na imanência de sua subjetividade objetiva, quero dizer, existencial/transcendental. Acredito, mesmo, que adormecer “eternamente no inferno” não significa, para o poeta, exatamente, “estar”, no reino do *Hades*. Mas, então, como surpreender a lógica dessa passagem sem incorrer em uma *má* interpretação de seu provável leitor? A solução que encontro, novamente, como procurei me referir acima, é esta: não há como sair do círculo infernal se este não for recodificado como experiência da vida mundana, na esteira do mundo racional. Não fora esta a intenção do poeta, como justificar, então, os seus apelos para com a sua (e outras) corporeidade? Os apostos “Acordai!!!” (I), “Transformai” (II) e “Despertai!!!” (III), ao longo do poema, parecem demonstrar, aos iniciantes leitores, os apelos desesperadores para que ocorra uma intervenção divina face à trágica condição humana em que o poeta (e outros) se encontra. Como o poeta pretende resolver a tensão entre a paixão e a razão se não com o viático da *religação*? De qualquer maneira, parece, também, haver um oásis telúrico em meio à densidade do poema, quando verificamos, na estrofe a seguir, anúncios de uma realidade melhor determinada, na medida em que, ainda que sófrego, o poeta, tal um barão de Münchhausen, ergue-se, miraculosamente, com uma saída à maneira de um *deus-ex-machina*. Pessoalmente, não viria solução melhor para o trágico da vida (da existência?), salvo a saída que - acredito metafísica - que encerra o belo poema “A Casa Morta”, de José Antonio K. Roig, que diz: “*O que eu desejo não cabe mais em mim//é um sonho sem fim, desperto, enfim,//muito além do meu coração...*”.

A estrofe III é de longe a mais hermética e desafiadora à compreensão plena, ainda que seja a mais precisa no que se refere aos seus temores internos. Socorro-me dos filósofos, poetas e escritores para que me ajudem a adentrar nesse universo aparentemente sem esperança. Leiamos alguns trechos de “Significa Sombras”, de Pablo Neruda e percebamos se pode haver algum lugar comum onde possamos notar alguma esperança latente na terceira estrofe, caso contrário, continuemos nossa leitura na estrofe IV em que julgo, tal como eu leio, haver uma nesga de luz para o retorno à vigília:

Que esperança considerar, que presságio puro,
Que definitivo beijo enterrar no coração,
Submeter nas origens do desamparo e da inteligência,
Suave e seguro sobre as águas eternamente turvadas?

Que vitais, rápidas asas dum novo anjo de sonhos
Instalar nos meus ombros adormecidos para segurança perpétua,
De tal modo que o caminho entre as estrelas da morte
Seja um violento vôo começado há muitos dias e meses e séculos?

.....

que o profundo tremor das mortes e dos nascimentos não comova
o profundo lugar que desejo reservar para mim eternamente.

Continuemos, assim, e leiamos, novamente, a IV estrofe, que dedico ao quarto capítulo, com o título de “Súplica do despertar II”:

4. Súplica do despertar II

Desperta!!! Oh Deus!!!
Meus irmãos da Terra...
Que ainda não sabem
Que a vida pode ser maravilhosa
Surpreendentemente encantadora.
Que já esqueceram o sentido de um sorriso,
De um abraço, de um toque, de um carinho amigo.

Esta quarta estrofe é ímpar, rivalizando, em sua autonomia, com a precedente. Sua peculiaridade é que, agora, o leitor/intérprete pode respirar um pouco mais aliviado. A densidade da massa onírica fez implodir a matéria do real que onerava o solipsismo do poeta nos versos I e II. O Deus parece ter atendido as súplicas; e os sonhos, agora, são *leves, levianos*. O poeta *atapetou a sua vida* (para lembrar Mário de Sá Carneiro) e pisa no agora, no tempo presente –

kairós – com leveza, com graça estética como que saudando o seu encantamento pela vida. As formas se reavivam em corpo telúrico através do toque, do carinho, do sorriso: Eis o anúncio da peculiaridade individual do poeta dos sonhos. O apelo ao Deus destina-se, agora, para os seus “irmãos da Terra...”, - os *outros* - que também *devem ser* despertados do sono da ignorância face ao belo, ao estético, ao sublime da vida (da existência?).

Não nos apressemos, porém. O poeta Victor Hugo ainda nos desafia a decodificar o que subsume as palavras sólidas com que tece o seu labirinto. Afinal, não se ficaria em dúvida quanto ao sentido que o poeta recomenda/entende por “irmãos da Terra”? Fico, particularmente, na dúvida. Seriam os irmãos da Terra, nós, os outros humanos? Ou a Natureza como um todo, inclusive nós, humanos? Inclino-me a decidir-me pelo primeiro caso, ou seja, que o poeta trata os irmãos da Terra como sendo os seus congêneres humanos. A ambivalência da estrofe IV não permite um salto hermenêutico objetivo, ou seja, uma extrapolação de sentido, sem mais, que englobe a Natureza em si mesma numa irmandade de origem ou, como os antigos diriam, numa mesma ontologia. É que a Natureza aparece, no poema – assim interpreto - “cartesianamente separada” do humano, e o apelo do poeta ao Deus lembra bem o próprio do apelo de Descartes em suas meditações, na obra “O Discurso do Método”, que o trai, em seu solipsismo, enquanto filósofo, na busca de uma derradeira *certeza*. O *cogito* cartesiano define essa certeza como Razão, mas essa ainda se mostra impotente para conferir ao fenômeno objetivo, material, sensível – *res extensa* – a certeza da existência, de acordo com as suas argumentações. A estratégia de Descartes ganha foros de subterfúgio, como sabemos, ou seja, o apelo ao Deus cartesiano, ainda que sagaz para esquivar-se da iminente morte física, tem consequências epistemológicas indeléveis. De sua astúcia à sobrevivência à época de suas *Meditações*, nasce também a emasculação de Descartes como filósofo.

Ora, um sorriso, um abraço, um toque, um carinho amigo parecem não se coadunarem com a Natureza em geral, mas somente ao ser humano, isto é, com as qualidades humanas no trato com seus congêneres (embora seja evidente que utilizemos nossos sentimentos humanos para com os demais seres da Natureza e estou, neste sentido, plenamente convencido de que todos os entes da Natureza são recíprocos ao toque e comunicativos em uma rede ecossistêmica cujo alcance e conteúdo de suas consciências ainda ignoramos). É certo, contudo, que o

toque, o carinho, o afago, a dedicação seja um universal, isto é, está presente em todas as espécies vivas e, *a fortiori*, entre os mamíferos. Tenho, porém, que a mensagem do poeta “meus irmãos da Terra...” seja, neste particular, uma expressão reservada aos seres humanos, numa referência que reputo explícita. E aqui fica, tanto quanto posso interpretar, sublinhado, o anúncio cristão do poeta. Mais do que isso, o poeta revela o seu profundo sentimento de pertencimento a uma irmandade terrena cujo estatuto tem origem divina, ou melhor, do Deus cristão ou do Cristo, que, em grego, não custa lembrar, significa *o ungido*. Além disso, o sentido do termo “desperta!” não pode nos despistar do propósito último do poeta, uma vez que os dois últimos pensamentos da estrofe nos remetem, necessariamente, aos irmãos...

“Que já esqueceram o sentido de um sorriso,
De um abraço, de um toque, de um carinho amigo.”

Por estes dois últimos pensamentos da quarta estrofe precisamos render homenagem ao poeta Victor Hugo, não no sentido de adulá-lo, mas pela sua intuição certa naquilo que nos faz derradeiramente humanos, quero dizer, o sentimento de irmandade, de fraternidade e, melhor ainda, de solidariedade. Afinal, não seriam exatamente estes sentimentos que nos travam a violência inerente à nossa espécie humana (*homo sapiens-dem*, contra a barbárie existente tanto no interior de cada um de nós, como nas disputas, nas guerras e nos conflitos?; que nos faculta a compreensão do outro como o nosso “*ego alter*” (o outro, seja esse *outro* nossos irmãos ou a Natureza?). *Portanto*, não o nosso “*alter ego*”, que nos habita e nos faz sermos múltiplos em contextos distintos, mas o *Outro*, em maiúsculo, em sua facticidade fundamental; o *Outro* enquanto algo vivo e existente seja na forma humana e não humana, mas que, na forma humana sofre, padece, ri, ama e odeia, teme e se liberta, duvida e enaltece, chora e reclama, que se satisfaz e que se mostra insatisfeito? Afinal, não é isso que nos fez e nos faz tanta falta?: um toque, um abraço, um carinho amigo, um sorriso autêntico? Lembro-me, neste instante, de um trecho do poeta Walt Whitman que, em algum lugar esquecido da minha memória escreveu: “*O que há de maior ou menor do que um toque?*” E o que dizer da fórmula de Heidegger, na qual “*Cada um é o outro e nenhum é ele mesmo?*” (SAFRANSKI, 2005:195), num subliminar entendimento de que é o *toque* que constitui o outro? Não teria sido o sugestivo e simbólico *toque* entre os dedos

do Deus criador do universo e o de Adão, retratado por Michelangelo, no afresco “Episódios da Criação”?

Victor Hugo parece redizer o que Whitman acreditava e o que Michelangelo registrou de forma indelével em seu afresco.

Somos econômicos nos nossos toques, nos nossos abraços, nos nossos sorrisos. E, contudo, bastaria um simples sorriso (toque visual) para salvarmos uma vida, para lembrar um pensamento da Madre Teresa de Calcutá (1910-1997) que diz: “*Jamais saberemos todo o bem que um simples sorriso pode ser capaz de fazer*”. Mas a vida pode ser “surpreendentemente encantadora” e isto é, novamente, bela, admirável, como nos ensina o poeta Victor Hugo. Certo que nem todos os momentos da vida possuem esse *élan* assinado pelo poeta Victor Hugo. E como poderia sê-lo?!

O poeta nos faz refletir acerca da gratuidade da vida. É que a vida, para o ardoroso poeta, é um *continuum* de curvas senoidais, quero dizer, sinuosidades entre o acaso e o determinismo que, misteriosamente guarda, dentro em si, aquilo que Nietzsche afirmou, em uma de suas surpreendentes manifestações registradas em seu “Aurora”, na formidável biografia do filósofo, de Safranski: “Os graus intermediários mais brandos e até os graus inferiores que brincam incessantemente nos escapam, mas exatamente eles tecem a trama de nosso caráter e de nosso destino” (Safranski, 2005:188), numa delicada manifestação do real que “brinca” com a nossa existência.

O nosso árduo processo de humanização está em aberto, ou seja, depende da nossa determinação de *civilizarmos* os nossos arquétipos, da emergência do Inaudito nietzscheano (a descoberta da consciência de si, do outro, da compaixão...), ou seja, naquilo que o poeta e filósofo Victor Hugo nos diz “Que a vida pode ser maravilhosa/surpreendentemente encantadora” e que, portanto, não se resume tão somente à exaltação do belo, do fruir do encanto, mas também do toque, do sorriso, do abraço e de tantas outras manifestações de apreço que podemos endereçar ao Outro.

Embora o poeta Victor Hugo seja sobejamente sabedor dos infortúnios da vida, das suas asperezas e trocadilhos; ainda que o vate dos sublimes pensamentos oníricos alce vôos intempestivos e outros, felizmente, mais brandos, ainda assim o poeta presente a resistência da finitude e sonha, como já assinalamos na lembrança anterior a I. Kant - e que não custa repetir - a metáfora da Pomba kantiana: “A leve pomba que, em seu livre vôo corta o ar cuja resistência sente...”. Ora, todo esse esforço metafísico seria irrisório se os “irmãos da Terra...” simplesmente lembrassem de que, para

viver de forma “maravilhosa” também lembrassem do “sentido de um sorriso/de um abraço, de um toque, de um carinho amigo”.

Entrementes, assim não o é! Quero dizer: o poeta sabe que a vida não é maravilhosa, mas que “pode ser maravilhosa”. Que a vida não é encantadora, mas que “pode ser surpreendentemente encantadora”.

É certo, também, que o poeta Victor Hugo não quer, não parece desejar ou exigir demais da vida além do que ela pode ser ao ser, ao ser “surpreendentemente encantadora”. A vida, está claro - e o poeta o confirma - pode realmente ser encantadora. Por outro lado, pensar em uma vida plenamente encantadora seria inconcebível para o poeta (como de resto para todos nós, tenho certeza!), dado que a vida, como se sabe, é também plena de dor e de sofrimento, como o constatou Sidarta Gautama, o Buda. Talvez, por isso mesmo, não devamos exigir demais da vida, ou, pelo menos, nada além de seus *mistérios*, malgrado o nosso profundo desejo de saber e conhecer acerca de tudo o que lhe diz (e nos diz) respeito. O Buda constatou que a vida não é deleite, mas dor e sofrimento. Nietzsche também confessou, em algum lugar, que, se exigirmos demais um limitado “alívio da vida”, ficaremos impedidos de trabalhar uma verdadeira melhoria de suas condições. Nesse sentido, Nietzsche se referia ao sofrimento como elemento indutor à reflexão fundamental da nossa verdadeira condição e emancipação humana.

Contudo, é na derradeira estrofe do poeta que poderemos verificar, talvez com maior acuidade, o seu *élan* vital. Leiamos novamente a V e última estrofe:

5. Súplica do despertar III

Despertai!!! Oh Deus!!! Despertai!!!
Acordai e ajudai-me
A aprender a ver o mar, o céu e as estrelas.
Educai-me a sentir o calor do sol, da lua...
Das montanhas, das cavernas e dos Oceanos.
Ensinai-me a escutar o som do vento, dos pássaros...
Das águas, da chuva que me purifica inteiro
Como a chama que arde no meu interior
A espera do vosso sopro.

Tudo parece, agora, definitivamente completado. Tudo parece, agora, revelado... O duplo de si do poeta, ainda que permaneça, realiza-se enquanto transubjetividade entre o corpo e o espírito.

O poeta descortina-se, enfim, para o seu leitor/intérprete. Revela-se, mesmo, em sua plenitude, para o privilégio de seus apreciadores.

Mas, novamente, não nos apressemos, pois se trata de um poema que não se presta a uma ligeira interpretação, como já verificamos por diversas vezes – se é que é possível interpretar um poeta! – mas que, ao fim e ao cabo, todos os seus leitores acabam por procurar compreender, fatalmente, o que há de mais íntimo no poeta. E acredito que foi isso que me levou a este longo e, quem sabe, infundável passeio propiciado pelo poeta.

Agora, contudo, não se trata de um simples problema de pronomes. Isto seria de todo irrelevante, ainda que esta observação possa ser concedida em relação à primeira e demais estrofes desse poema inédito.

De qualquer forma, a última estrofe pede ao Deus que Este não somente acorde e ajude o poeta, mas que o ensine “a ver o mar, o céu e as estrelas”. O poeta intui que a pureza é essencial para que ele possa descortinar o Real, mas, humilde, pede ao Deus que o ensine e o eduque para sentir a realidade em sua plenitude, como “o olhar da criança que vê o Aberto”, o que me fez lembrar de Rilke na passagem “(...) pois até a criança pequena nós invertemos, obrigando a olhar para trás a configuração das formas e não o Aberto, tão profundo no semblante do animal;(...)” (Rilke, 1989:185). Ora, esse Aberto é o esteio onde o Deus se revela em sua pureza original, sempre em si complexa, isto é, relacional, conectiva, religada entre o todo e as partes e porque essa pureza nos escapa em sua constituição, sendo ao mesmo tempo una e múltipla, salvo pelo recurso onírico que a interpela em sua unicidade específica (reduzora) face ao real que suplica realizar-se organicamente. Bachelard nos ensina que “...não se pode conhecer a pureza sem sonhá-la. Não se pode sonhá-la com força sem ver-lhe a marca, a prova, a substância na natureza” (Bachelard, 2002:141).

Ora, é o próprio poeta Victor Hugo quem nos conduz ao pórtico de seu universo onírico quando impregna sua matéria dos sonhos com o ideal transcendental presente na urdidura dos sentidos profanos frente ao delírio íncito de seu desiderato. Ao mesmo tempo em que a água se oferece como símbolo de sua “psicologia prolixa de purificação” (Bachelard), há também “as águas fascinantes que rodeiam sempre os Infernos e as ilhas da Morte, e não menos as águas-mães, o reino primordial líquido da Bíblia, onde se move o espírito de Deus antes de todos os nascimentos” (Morin), sendo preciso, segundo o poeta, “...escutar o som do vento, dos pássaros...”.

É, pois, inegável o anelo notadamente bachelardiano do poeta, dado que a pureza, diz-nos o filósofo e ensaísta francês, “é uma das categorias fundamentais da valorização”. Em “A Água e os Sonhos”, Gaston Bachelard estimula-nos a pensar o objetivo e nele estabelecer um nexo de subjetividade de caráter transcendental ao dizer que “Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável” (Ibidem:10). Presumo verdadeiro o pensamento do filósofo na medida em que a sua metáfora é validada pelos anseios secretos de todos quantos se colocam ao exame crítico de seus *horizontes* e de seus *temas* vitais (obsessões, desejos, objetivos prosaicos) em relação vicária com a compreensão dos conceitos de *cronos* e *kairós*, dos tempos de degeneração/regeneração e de criação/*poiesis*.

Escutar, pois, a Natureza, dado que *ela fala* através dos sons do ventos, das águas, das árvores, do ar que respiramos; da musicalidade das espécies que ainda se preservam e da evocação de suas memórias nos humanos; do esgotamento dos solos férteis, da morte dos rios e dos mares, das inundações; das nações oprimidas cultural, política e economicamente pelos diferentes sistemas econômicos; fala também pelo oprimido, em seu mutismo induzido pelos poderosos que tanto denunciou Paulo Freire e outros, como Franz Fanon. A Natureza *fala* não somente no sentido figurado, imagético, onírico ou transcendental, quero dizer, universal, mas no sentido físico, corporal, telúrico, objetivo, ainda que se utilize, por seu turno, da poesia, isto é, da sinuosidade, da transfiguração, do velamento/desvelamento de que nos fala Heidegger em sua obsessão pelo *dasein*. O *escutar* a Natureza revela-se, pois, aptidão acurada para o despertar do poeta do sono encoberto pela bruma dos sentidos. Bruma significa, aqui, não o opaco, o não visível, o não audível ou o não factível, mas a epifania da individualidade efetiva, real e objetiva do poeta Victor Hugo, ou seja, a sua emergência ao mundo com o amparo do saber, do conhecer, da derradeira intuição sobre o belo, o bem, o bom, o prazer inusitado de fruição da criação divina, tal como a Natureza se apresenta. É por isso que o poeta apela ao Deus para que lhe ensine a ver e a escutar, a possuir esta aptidão acurada dos eventos da Natureza, do belo e do estético presente nos fenômenos da vida que se expressa “lá fora” e onde somente pela emancipação educativa do poeta (que, na verdade, a desejaria a toda a humanidade) e pela benesse do divino, poderá haver o frenesi

operado pelos sentidos da corporeidade no liame entre o sonho e a realidade, nas fímbrias dessa fala silenciosa com o Aberto.

Nesta última estrofe, o poeta parece relutar entre dois extremos: De um lado, o desejo que domina a alma humana desde sempre; por outro, o sonho de purificação que, novamente e com a devida permissão poética, lembra a ânsia de renovação (recriação de si, do poeta - *poiesis*) vitimado pela corrupção do tempo histórico progresso (arcaico?) da humanidade. Porém, não se trata, está visto, de uma simples transposição de idéias figuradas, dado que o poeta vive intensamente essa tensão carnal (material, física, corpórea) e a ânsia intempestiva com relação ao seu propósito de emancipação, de “educação dos sentidos”, para melhor tatear o real, o verdadeiro, o efetivamente inédito ao contemplar e sentir os fenômenos da Natureza e, é claro, a si próprio: O Inaudito nietzscheano?

O inédito da quinta e última estrofe do poeta Victor Hugo é que ela condensa, dentro em si, uma profunda dor e sofrimento (quicá, de resto, de todo poeta/filósofo que imerge, talvez desde a mais tenra idade, na oclusão entre o *ser* e o *nada*), vivenciando a angústia da experiência do tempo presente, o tempo *kairós*. Ou seja, nessa última estrofe, o poeta vive a sensação exacerbada de um presente tensionado entre o “não mais” e o “ainda não”. Em outras palavras, o poeta vive a turva dimensão entre o real e o imaginário, nas fímbrias entre o mundo telúrico (matéria, corpo) e o transcendental (zona intermediária entre a pura subjetividade e a decretação das formas sólidas que, no entanto, se esvaem).

Entrementes, o poeta-filósofo, nesta última estrofe, reconduz sua espiritualidade para um plano superior, ao enaltecer o seu próprio ser, quando se dirige – novamente – ao Deus e, neste enaltecer, há algo, novamente, de universal. É claro que a sua modéstia face ao Deus ainda é premente, mas já podemos respirar um pouco melhor, notadamente porque, agora, o poeta traduz, talvez sem o perceber, que a súplica à divindade possa ser, eventualmente, peculiar à condição humana. Agora, enfim, podemos ter uma pálida idéia do seu proclamo à divindade e, em contrapartida, do seu “temor” à Caverna platônica. Eis uma citação de Paul de Reul, feita por G. Bachelard e que eu gostaria de convidar os leitores para refletir acerca do que acima descrevi:

“Nada do que nasceu sobre a terra me é mais caro que o mar, o vento alegre, o céu e a o ar vivo. Ó mar, tu me és mais caro que os próprios anseios do amor, és para mim uma mãe” (Reul, Paul de. In: Bachelard, op.cit. pág. 171).

O poeta Victor Hugo reluta. Desespera-se. Pede ao Deus o despertar e o aprender. Em seu interior reverbera a súplica em forma de chama ardente por conhecimentos que lhe garantam a pronúncia de sua existência terrena coadunada com a beleza própria do Inaudito cósmico, do saber-reconhecer a plenitude que há nos elementos da Natureza em sua pura manifestação como adaptação cósmica sem mais. Penso, neste momento, na certeza de que o poeta ambiciona o conhecimento complexo de tudo o que existe, isto é, a compreensão, a sabedoria, quero dizer, a plenitude do todo, onde a sua vida particular/ individual se inclui como instante do Inaudito que se reverbera numa espécie de antropocosmogonia, ou seja, onde o apelo do poeta ao Deus se revela como um “Apelo exigente e angustiado que exprime a vontade de renascer no seu próprio individualismo (e se incorpora à exigência que a sobrevivência do “duplo” implica)” (Morin), isto é, do seu desdobramento tanto quanto o “anjo da guarda”, repositório de todas as virtudes, protetor, ainda que severo, mas também o “gênio mau”, quero dizer, o resumo de todos os vícios, ambos dotados de poderes inauditos.

A súplica do despertar do poeta, adivinhou eu, estaria, em última análise, no apelo pelo despertar do Aberto (esse mesmo Aberto que sabe a criança, em sua imediateidade frente à vida ao distinguir os fenômenos e não separar a unidade das partes que a compõem) que, desde sempre, esteve presente no poeta Victor Hugo, porém inibido, quem sabe, pelas metástases da vigília e que Morin denomina de *prosa* ou mundo prosaico (ordem, razão, trabalho, disciplina, compromissos, etc.) e cujo silenciar de seu ser onírico despertou, providencialmente, o Eu (ego) “corpo devaneante”. Ou seria impropério lembrar o proclamo de Bachelard, quando nos incita ao convite para melhor o compreender, tal como se mostra a seguinte passagem?:

“Vinda, ó meus amigos, na clara manhã, cantar as vogais do regato!
Onde está nosso primeiro sofrimento? É que hesitamos em dizer...
Ele nasceu nas horas em que acumulamos em nós coisas caladas.
(...) (Bachelard, 2002:202).

Ora, o sopro do Deus é o Verbo, a palavra poética que se materializa no poema em forma de “chama ardente” e que expressa a verve do poeta revelada em sua “Oração ao Deus dos Sonhadores”. Fogo fátuo que se extingue no limite de sua plenitude incandescente.

Finalmente, em que pese o meu “esforço hermenêutico” de tal empreendimento, ainda assim, quero acreditar, o poema possui, como toda poesia, algo inominável, intraduzível, indizível, incomensurável, que rivaliza em singeleza e profundidade com outras formas de expressão poéticas. Talvez seja por isto que, genericamente, todo o meu entusiasmo hermenêutico pode ter sido em vão, pois não me é dado o direito de saber, ao fim e ao cabo, o que o poeta hesitou em dizer, no exato momento de sua criação poética, ou seja, no tempo exato enquanto *kairós* (tempo esse que o poeta viveu plenamente a sua aventura espiritual para traçar os contornos entre o real e o sonhos/pesadelos) e, enfim, poder bendizer a graça auspiciosa do sopro divino para poder sentir, como diz o poeta Manuel Bandeira, em sua singela poesia “Belo Belo”: – *Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples*” (Bandeira, 2008:109).

Quem sabe a vida não seja mais do que a matéria dos sonhos. Ou pesadelos. Talvez um cochilo do demiurgo tornou-a fluida e real por instantes e, nessa ínfima brecha, acreditamos surpreendê-la. Bela é a ciência que nos ajuda a pacificar os nossos temores. Mais bela ainda é a poesia que nos ajuda a perceber o movimento da eternidade na complexa simplicidade do instante vivido e fugaz como um sentimento de infinito deleite e plenitude de ser.

Assim me parece ser a sua poesia, meu caro amigo e colega de Victor Hugo.

Afetivamente,
Humberto Calloni

REFERÊNCIAS:

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. 3. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BANDEIRA, Manuel. Belo Belo. In: *Bandeira de Bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- DURANT, Will. *A história da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre. Sulina, 2004.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2.ed. Publicações Europa-América: Portugal, 1970.
- NERUDA, Pablo. Significa Sombras. In: *Residência na Terra I*. Porto Alegre: L&PM, 2010. [Col. L&PM Pocket]
- RILKE, Rainer Maria. Sonetos a Orfeu: *Elegias de Duíno*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ROIG, José Antonio Klaes. *A Casa Morta*. Jornal Agora, jun./2011 [O Peixeiro], Rio Grande-RS.

SÁ CARNEIRO, Mario de. Sete canções de declínio. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

VARELA, Fagundes. Enojo. In: FARACO, Sergio (Org.) *Livro dos Sonetos: 1500-1900*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

DIRETRIZES PARA AUTORES

A Momento – Diálogos em Educação aceita para publicação artigos científicos inéditos de professores, pesquisadores e acadêmicos de instituições na área de ciências humanas e educação.

Todos os artigos recebidos serão submetidos aos consultores da revista para a devida apreciação. A equipe editorial não se compromete com a devolução de textos e comunicará aos interessados caso não sejam aceitos. As modificações do texto, quando sugeridas pelos consultores, serão encaminhadas aos autores para consideração e devem ser devolvidas em um período máximo de 15 dias.

Cada texto deve ser antecedido por um resumo em português e em língua estrangeira de até 10 linhas, acrescido de três a quatro palavras-chave escolhidas pelo autor de acordo com o assunto do trabalho proposto. Indica-se a consulta às normas NBR 6022 para a elaboração do artigo e NBR 6028 para a elaboração do resumo. As citações no texto e as notas de rodapé também deverão seguir as normas correntes da ABNT, sendo as referências bibliográficas elencadas após o texto e em ordem alfabética. Para a escolha das palavras-chave, recomendamos o uso do *Thesaurus Brasileiro da Educação*.

Itens de verificação para submissão

Como parte do processo de submissão, autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão com todas os itens listados a seguir. Serão devolvidas aos autores as submissões que não estiverem de acordo com as normas.

1. *A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;*
2. *Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word (de extensão .doc), desde que não ultrapasse os 2MB;*

3. *Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídas no texto estão ativos e prontos para clicar;*
4. *O texto está em espaço 1,5; usa fonte Times New Roman de 12 pontos; emprega itálico em vez de sublinhar (exceto em endereços URL); figuras e tabelas estão inseridas no texto, e não em seu final; o texto tem, no máximo, 25 páginas (incluindo a lista de referências);*
5. *O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores;*
6. *A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo dessa forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos);*
7. *O resumo está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro palavras-chaves;*
8. *O abstract está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro keywords.*

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/
editfurg@mikrus.com.br